

Liberdade – o bem maior?

Afinal, quem é mesmo livre?

25 de Abril é dia de comemorar a liberdade em Portugal, o fim da ditadura, o regresso da democracia. E neste mundo que tornou a liberdade um bem maior, uma verdadeira deusa (a par da democracia) é próprio meditar um pouco nesse conceito que causa tanto reboiço na nossa sociedade.

Uma das cenas mais icónicas do cinema mais moderno foi a cena final do filme *“Braveheart”* de Mel Gibson. O rebelde escocês William Wallace, bastante idealizado, foi finalmente capturado, à traição, e está a ser torturado em praça pública. Tudo o que precisa fazer, para acabar com o sofrimento e receber uma morte rápida, é pedir clemência. Mas o líder independentista recusa. Até que, finalmente, parece querer falar e mesmo o executor anseia por ouvir o seu pedido. Mas em vez de gritar por misericórdia ele reúne as últimas forças e grita: **Liberdade!** E todos ficamos arrepiados e emocionados e prontos a sair da sala e ir lutar pela liberdade em algum canto sofrido do planeta. Mas o que é liberdade? Quem é realmente livre? Que benefícios ela traz? E que eventuais efeitos secundários?

Diz-nos o dicionário que liberdade é, de maneira geral, a condição daquele que é livre. É a capacidade de agir de si mesmo, autodeterminação, independência, autonomia. Falamos em liberdade de expressão para defender que todos têm o direito de dizer o que pensam. Liberdade política no sentido de podermos escolher em quem votar e que linha política defender. Liberdade religiosa para falar do direito de escolher e praticar a religião que desejamos. Livre arbítrio, para falar do conceito teológico de que o homem foi criado com a capacidade de escolher e foi feito livre para decidir a sua vida, o seu caminho, expressar e viver a sua vontade.

Gostamos de dizer que, no mundo ocidental em que habitamos, somos livres. Livres para viver a nossa vida e fazermos o que quisermos. Será mesmo? Podemos fazer o que queremos?

Basta pensar um pouco para ver que não é bem assim. Podemos voar? Não. Não somos pássaros e por mais que queiramos voar não conseguimos, estamos presos ao

chão pela gravidade malvada. A natureza limita a nossa liberdade. Podemos conduzir a 120 km/h dentro do perímetro urbano? Não. Há uma lei de trânsito que nos impede de o fazer e podemos, mesmo, ser multados, podem tirar-nos a carta de condução e até prender-nos. A lei de trânsito limita a nossa liberdade. Podemos dar uma festa em casa com música aos brados, às 2 da madrugada? Não. Há leis de silêncio em área doméstica que permitem que a polícia venha à minha casa e pare a festa e me leve para depor na esquadra. Afinal parece que não somos tão livres assim...

Pensando bem, percebo que a minha liberdade está limitada pelas liberdades de todos os outros com quem partilho a sociedade. Muito do que não posso fazer está diretamente ligado ao dano que poderia produzir em outros, então, a falta dessa liberdade não é necessariamente má. Até porque, o recíproco também é verdade, ou seja, o outro está também limitado para que não me venha a prejudicar. Logo, percebemos que há limitações à liberdade que são culturais (na minha cultura não se anda a mostrar a língua às pessoas), sociais (as limitações de velocidade são devidas aos riscos de acidente), académicas (tenho de fazer os trabalhos segundo os critérios estabelecidos ou não serão aceites), trabalhistas (tenho de fazer o que o patrão manda ou vou para a rua), e mesmo familiares (a minha mãe não gosta que chegue a casa depois das 22 horas). Para quem faz tanto alarde da liberdade parece que estamos bastante limitados.

É verdade que bíblicamente lemos que o homem foi criado livre por Deus. Isso não significava que o homem podia fazer tudo que queria. Havia mesmo uma limitação colocada pelo Criador. Havia uma árvore cujo fruto era proibido e havia uma consequência caso o comesse. E temos outra verdade importante sobre as liberdades; sou livre para escolher um caminho, mas uma vez escolhido não posso alterar o destino. E o homem foi informado onde ia dar o caminho dessa escolha, dava na morte. E ele o escolheu. Era livre e usou mal a sua liberdade. Ainda hoje é assim. Somos livres, até certo ponto,

